



## Beatriz Azevedo - AntroPOPhagia

**Beatriz Azevedo** é poeta, cantora e compositora, atriz e diretora teatral. A vertente musical (e teatral) de sua arte foi capturada em um registro ao vivo, que deu origem ao seu primeiro CD ao vivo, batizado de **AntroPOPhagia** (Biscoito Fino).

O show homônimo foi concebido para fazer parte do projeto *Celebrate Brazil*, realizado por *Film Society of Lincoln Center* e *ImageNation*, promovido pelo Itamaraty. A performance de Beatriz no Lincoln Center em Nova Iorque foi gravada sem que ela própria soubesse: “No ensaio do show, o técnico de som Justin Bias encomendou, sem nos avisar, uma mesa que permitia gravar tudo em canais, via ProTools. No dia seguinte ele me disse: ‘Beatriz, traga um HD pra copiar, porque está pesado!’. Foi quando me dei conta que ele havia gravado o show inteiro, em alta definição”, lembra Beatriz. “A rigor, a ‘ideia’ do CD foi do técnico de som!”.

**AntroPOPhagia** é o quarto disco de Beatriz, que tem em sua discografia os CDs "Bumbum do poeta", lançado no Brasil e no Japão; "Mapa-Mundi [samba and poetry]", produzido por Alê Siqueira, e "Alegria", com participações de Tom Zé e Vinicius Cantuária, além de Cristóvão Bastos na direção musical. Vinicius e Cristóvão repetem agora a dobradinha, como conta Beatriz: “Vinicius tornou-se meu amigo e parceiro em Nova York, no período em que morávamos lá. Ele ouviu meu CD, curtiu muito, e passou a me pedir pra botar letras em suas músicas. Cristóvão Bastos é outro monstro musical, meu mestre. Já tocamos juntos há mais de 10 anos, eu aprendi muito com ele em todo esse tempo”, resume. No novo CD, Cantuária assina com Beatriz “Devora” e “Alegria”, e Cristóvão a direção musical, mais uma vez.

**AntroPOPhagia** foi criado para mostrar um Brasil sem clichês, mostrar uma perspectiva mais crítica, questionadora, dentro de um evento chamado "Celebrate Brazil". Pesquisadora da obra de Oswald de Andrade, Beatriz musicou os poemas "Erro de Português", "Cântico dos Cânticos" e "Relicário". “Li Oswald de Andrade na adolescência e me apaixonei completamente. Desde então, ele é inspiração para minha criação artística e também para a pesquisa: Antropofagia é meu tema do Mestrado (FFLCH, USP) e Doutorado (Instituto de Artes, UNICAMP). Em todos os meus CDs, sempre gravo ao menos uma música criada sobre poemas de Oswald de Andrade”. Como poeta, no palco, dirigida por José Miguel Wisnik, a estreia foi com uma encenação que comemorava os 70 anos da Semana de Arte Moderna. O autor modernista é tema de dois livros que Beatriz pretende lançar, ainda em 2014.

Além das autorais “Egoísta”, “Dias Lentos”, “Gran Navegação”, “Toda Sorte” (as 3 últimas em parceria com Angelo Ursini), “Bis” (com Deni Domenico), “Tudo Está” (com Matheus von Kruger) e “Coco de Pagu” (música de Beatriz sobre poema de Raul Bopp), o CD inclui Cole Porter e uma parceria de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. “No caso de Cole Porter, criei um arranjo para ‘What is this thing called love’ a partir da levada do jongo, procurando ousar na transcrição de um standard da música americana sem perder a poesia da canção, que é fabulosa”. Já “Insensatez” remete à trilha sonora da casa de Beatriz: “Minha mãe é pianista e desde pequena eu a ouvia tocar Debussy, Chopin, Beethoven. Mais tarde, adolescente, quando comecei a ouvir Bossa Nova, Jobim, aquilo ali me parecia familiar. “Insensatez” especialmente, por conta do Chopin”, pontua.

O currículo de Beatriz inclui participações no Festival do MoMA (*Museum of Modern Art*), e em outros importantes festivais internacionais, como o CMJ MUSIC MARATHON & FILM FESTIVAL (New York, EUA), FESTIVAL FEMMES DU MONDE (PARIS, França), POPKOMM FESTIVAL (Berlim, Alemanha), COPA DA CULTURA (Alemanha), e a FLIP (Festa Literária Internacional de Parati).

## **Beatriz Azevedo e a arte da AntroPOPPhagia por Christopher Dunn**

Antropofagia, ou canibalismo, é a mais potente e durável metáfora na cultura brasileira moderna. Beatriz Azevedo pertence à linhagem das grandes cantoras-compositoras; ela também pertence à grande tradição dos canibais brasileiros, de Gregório de Matos a Oswald de Andrade, de Caetano Veloso, Zé Celso, a, sim, Carmen Miranda”.

Christopher Dunn é autor de *Brutality Garden: Tropicália and the Emergence of a Brazilian Counterculture* e *Brazilian Popular Music and Globalization*. Curador da exposição *Tropicália, a revolution in brazilian culture*, no Barbican (London, UK) e Museum of Contemporary Art (Chicago, US).

## **AntroPOPPhagia: o sol do show por Gustavo Galo**

“Quando o português chegou/ debaixo de uma baita chuva/ vestiu o índio/ que pena!/ fosse uma manhã de sol/ o índio tinha despido/ o português”. Com muito amor & humor, Beatriz Azevedo abre **antroPOPPhagia**, seu primeiro disco gravado ao vivo. Segue adiante, provocantissimamente (em “coco de pagu”, texto de Raul Bopp, e “cântico dos cânticos”, outra pérola de Oswald), namorando poetas na praia da canção.

Além da delícia de ouvir textos da língua transformados em sua língua própria, a compositora nos surpreende com os arranjos para obras re-conhecidas como “Insensatez” (Tom Jobim/ Vinícius de Moraes) e “What is the thing called love?” (Cole Porter). Mas é muito mais do que só o sol de certos poetas, ou o deslocamento do ouvido animado pelos arranjos, que ilumina **antroPOPPhagia**.

Beatriz reafirma, em faixas que assina sozinha ou com seus companheiros de banda (Angelo Ursini, Matheus von Kruger), o seu próprio modo, pessoal e intransferível, de compor.

As duas parcerias com Vinícius Cantuária, “devora” e “alegria”, reiteram o presente como o maior presente de quem gosta de cantar. Antes mesmo de chegar ao fim de **antroPOPPhagia**, já dá vontade de fazer coro com Bia nos versos de “Bis”: “a vida da atriz/ pede bis/ a vida da atriz/ por um triz/ é flor de luz”, celebrando toda usina & zona & floresta e mar abertos.

**antroPOPPhagia** é o português descoberto, exposto ao sol. Som para quem não teme crescer ao sol, como o poeta do poema de Maiakovski, que ao encontrar o astro também verte sua própria luz. Não por acaso o ocaso deste moquém é o retorno e a atualização vital de Oswald: “no baile da corte/ foi conde d’eu quem disse/ pra dona benvinda/ que farinha de suruí/ pinga de parati/ fumo de baependi/ é comê bebê pitá e cai”.

O novo disco de Beatriz Azevedo é para se ouvir com prazer o brilho de um show, **antroPOPPhagia**.

**Assessoria de Imprensa Biscoito Fino – 21 2239-4276**

**Coringa Comunicação**

Belinha Almendra – belinha@coringacomunica.com.br

Andrea Tenório – imprensa.coringa@gmail.com



[www.beatrizazevedo.com.br](http://www.beatrizazevedo.com.br)